

São Paulo, 28 de janeiro de 2026

Ao Excelentíssimo Senhor Gabriel Galípolo, Presidente do Banco Central do Brasil

Prezado Gabriel,

Escrevo-lhe motivado pela relação de mútuo respeito e pela trajetória que nos une. Como sabe, guardo a mais positiva impressão de sua conduta, reconhecendo-o como uma pessoa de princípios, retidão e inegável espírito público. É justamente por confiar em sua competência que me sinto à vontade para compartilhar uma preocupação profunda sobre os rumos do nosso País.

Embora compreenda o rigor técnico que norteia as decisões desta autoridade monetária, é forçoso reconhecer que o Brasil atingiu um limite exaustivo. Tomo a liberdade de apelar também à sua sensibilidade: a manutenção de juros tão elevados impõe um prejuízo severo ao povo brasileiro.

No atual contexto, o prolongado período da taxa Selic neste nível gera um quadro de asfixia. Empresas sólidas sofrem desvalorização, a inadimplência cresce em níveis alarmantes e o incentivo ao investimento torna-se inexistente. Por que empreender, inovar ou expandir operações se o capital é mais bem remunerado na inércia da renda fixa?

É preciso observar, ainda, que o mercado e as famílias não operam sob a taxa básica. Na ponta final, o setor produtivo, o pequeno comerciante e o cidadão comum arcam com prêmios e *spreads* que tornam o crédito proibitivo. Torna-se cada vez mais difícil encontrar motivos para o adiamento de um ciclo de afrouxamento monetário, cujas condições já parecem consolidadas.

Nossa inflação não é fruto de excesso de consumo. Ao contrário, o que assistimos é uma punição ao setor produtivo. Com o custo de capital mais alto do mundo, o ajuste fiscal corre o risco de tornar-se uma ficção contábil, enquanto o crescimento real e a geração de empregos são sacrificados.

Finalizo esta reflexão com uma indagação que ecoa em diversos setores da sociedade: como, em um cenário global de estabilização que visa ao equilíbrio entre controle inflacionário e viabilidade produtiva, somos praticamente um dos únicos países a manter uma inflação próxima de 5% com uma taxa real que ronda os 10%?

Nesse sentido, coloco-me à inteira disposição para um encontro institucional. Seria um prazer reencontrá-lo e de grande valia debater os rumos do Brasil e contribuir com a visão de setores produtivos para o desenvolvimento do País.

Renovo meus protestos de elevada estima e consideração.

Atenciosamente,

Paulo Skaf
Presidente